

tamento de temas, factos e instituições a sugerir e justificar investigações aprofundadas. Nesse sentido, estas obras, embora com metodologias distintas, constituem efectivamente utilíssimos instrumentos de trabalho para o historiador da época contemporânea.

*Paulo Fontes*

*GUIA DE IMPRENSA DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ*, 1997. Coordenação de Pe. Elísio Assunção. [Lisboa]: Associação de Imprensa de Inspiração Cristã, [1996], 190 p.

Como o nome sugere, trata-se de um guia que reúne e apresenta em pequenas fichas a informação mais relevante quanto aos títulos da «imprensa de inspiração cristã» existente ou de que há notícia em 1997. A definição do âmbito das publicações nele recolhidas prende-se com os objectivos e natureza da organização responsável pelo trabalho de recolha, organização e publicação das informações, em função do seu próprio ficheiro de afiliados.

Assim, como esclarece a Direcção da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã na abertura do livro, para além da apresentação dos «dados actualizados deste sector tão significativo da imprensa em Portugal, constituído por mais de 600 títulos», «também se pretende dar resposta a quem frequentemente nos interroga: 'Quem, quantos, e como são os títulos que a AIC representa?'» (p. 5). Tal facto explica a grande diversidade de títulos reportoriados, tanto a nível da sua natureza — jornais, revistas, boletins ou mesmo folhas informativas —, quanto a nível do seu âmbito — local, regional ou nacional — e objectivos — informação, doutrinação, estudo e reflexão.

A informação publicada resulta directamente das respostas dadas ao questionário enviado às próprias publicações, tendo em conta os seguintes itens: Propriedade, Direcção, Redacção, Endereço e outros contactos, Distrito e Diocese de pertença, Data de fundação, Periodicidade, Tiragem, Formato, Número de páginas, Zona de difusão e outras indicações materiais relativas à inclusão ou não de Publicidade. Na maioria dos casos, cada publicação é acompanhada de uma fotografia com a folha de rosto de um dos últimos números publicados.

A metodologia seguida facilitou certa discrepância nos critérios de descrição adoptados nalgumas das respostas e, sobretudo, não permitiu colmatar lacunas na informação produzida. Ainda assim, o resultado final é muito positivo: a criação de um preciso instrumento de trabalho também para os investigadores, que a apresentação final de um Índice de títulos das publicações apresentadas por dioceses e distritos, a par de uma lista de títulos de publicações cujos dados não se conhecem, vem completar. Oxalá esta iniciativa da AIC possa ser continuada e melhorada com actualização regular da informação disponível relativamente a sector tão importante no panorama da imprensa nacional.

*Paulo Fontes*